

O LETRAMENTO LITERÁRIO COMO UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA O TRABALHO COM O ROMANCE *JANE EYRE*, DE CHARLOTTE BRONTË

Waleska Danielle Campos Guimarães (SEDUC-AM)¹

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)²

RESUMO: Este artigo discute a relação entre a literatura e sua função humanizadora no ambiente escolar, especificamente no Ensino Médio, empregando, para isso, a proposta de letramento literário empreendida por Rildo Cosson.

Palavras-chave: letramento literário; função humanizadora da literature; Rildo Cosson

ABSTRACT: This article discusses the relationship between literature and its humanizing function in the school environment, specifically in high school, using, for this purpose, the literary literacy proposal undertaken by Rildo Cosson.

Keywords: literary literacy; humanizing function of literature; Rildo Cosson

INTRODUÇÃO

A literatura e sua função humanizadora precisam ganhar espaço no ambiente escolar. Diante da prática docente ainda despida do compromisso de desenvolver habilidades e competências na leitura literária, o contato efetivo com o texto literário pelos alunos fica resumido a tentativas esporádicas, sem a devida interpretação, imprimindo ao texto uma preocupação estética, desconsiderando a indissociável relação do texto com o momento histórico e a sociedade.

É consciente dessa problemática que a presente proposta busca promover o letramento literário, sugerindo ao professor a adoção da sequência expandida, de Rildo Cosson, para leitura de *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Para que sejam aplicados os mecanismos de interpretação e aproximação do texto literário com o momento atual e, por conseguinte, com os alunos, sugerimos ao docente a abordagem temática da evolução do papel da mulher na sociedade e a representatividade feminina nos textos literários, por meio da análise da dissertação *A*

¹ Mestra em Letras – Estudos Literários (UFAM). Professora da rede pública do ensino do Estado do Amazonas (SEDUC-AM). É membro do grupo de pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais (UFAM).

² Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Líder do grupo de pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais (UFAM). Membro do grupo de pesquisa Estudos de Residualidade Literária e Cultural (UFC).

representação feminina em Orgulho e Preconceito, de Jane Austen e Jane Eyre, de Charlotte Brontë, de Fabianne Rodrigues Costa (2015).

Dessa forma, esta proposta, destinada ao professor de Ensino de Médio, pretende despertar nos alunos a motivação pela leitura. Trouxemos também, de nossa experiência docente, a construção de atividades que envolvessem leitura, pesquisa, escrita e encenação com a adaptação do romance para peça, promovendo-se, assim, a compreensão reflexiva e crítica do mundo, da cultura e da sociedade em que estão inseridos.

A SEQUÊNCIA EXPANDIDA: ETAPAS PARA A LEITURA LITERÁRIA

Nesta seção, trazemos a sequência expandida elaborada conforme orientações de Rildo Cosson (2009) somada à abordagem da dissertação *A representação feminina em Orgulho e Preconceito, de Jane Austen e Jane Eyre, de Charlotte Brontë*, de Fabianne Rodrigues Costa (2015).

É clara a necessidade de promovermos o letramento literário nas escolas, de modo que a mais importante contribuição do *Letramento Literário: teoria e prática*, de Cosson (2009), foi estabelecer o método a ser utilizado pelo professor por meio das sequências básica e expandida, que, segundo ele, são sequências “exemplares e não modelares”, pois deseja “que sejam vistas como exemplos do que pode ser feito e não modelos que devem ser seguidos cegamente” (COSSON, 2009, p. 48).

As sequências buscam sistematizar a abordagem da obra literária em sala de aula, sendo que a sequência básica é mais apropriada aos alunos do ensino fundamental, pois Cosson percebeu que ela não contempla a aprendizagem sobre a literatura, “que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica” (COSSON, 2009, p. 47). Já a sequência expandida supriu essa lacuna e outras relativas à contextualização e técnicas do texto, que se dá através dos estágios de primeira interpretação e de segunda interpretação, e, por conseguinte, tornou-se adequada aos alunos do ensino médio, em virtude do processo de maturação etária, cognitiva e literária dos discentes.

A sequência expandida possui sete estágios: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão. A proposta aqui descrita trata-se, portanto, de uma sugestão para o uso dessas etapas, cada uma com duração média de 50 minutos, mas com comentários e esclarecimentos sobre o uso da sistematização de Cosson para letramento literário e os estudos de Costa sobre o livro que propusemos para aulas. Esse casamento da sistematização com uma dissertação segue a proposta de pesquisa de Cássia Maria Bezerra do Nascimento.

MOTIVAÇÃO

A motivação é o primeiro passo da sequência e objetiva preparar o aluno para a leitura do texto. Não deve ser uma antecipação do texto a ser lido, tampouco da biografia do autor. Para Cosson, “a motivação consiste em uma atividade de preparação, de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido” (COSSON, 2009, p. 75).

Consideremos a motivação como o prelúdio, uma atividade que visa a preparação dos alunos para o relacionamento com o livro a ser lido e trabalhado. São atividades simples e até mesmo informais, mas que busca aproximar as realidades do livro e de seu leitor, suscitando discussões, debates e envolvimento do leitor, de maneira que ele se sinta atraído pela ideia do texto a ser lido. Essa ideia de pertencimento certamente motivará os leitores a adentrarem no universo do livro.

Nesta etapa, o professor deve esquecer o didatismo e despertar a curiosidade sobre a narrativa, viabilizando alternativas em que os estudantes sejam protagonistas. Um exemplo é o acesso a peças teatrais sem formalidades, demonstrando a acessibilidade do texto adaptado ao teatro a qualquer discente. Como forma de motivação dos alunos à leitura de *Jane Eyre*, bem como à criação teatral, sugerimos a exibição de uma peça de teatro do livro *Senhora*, de José de Alencar, na plataforma de compartilhamento de vídeos, YouTube, sob o link <https://m.youtube.com/watch?v=jhc8KYK8fKo>, no qual um grupo de adolescentes resolve filmar sua encenação teatral, de forma despretensiosa e lúdica, por vezes, mesclando a linguagem de época à linguagem cotidiana, cenário e vestimentas modernas.

Esse vídeo também revela uma tímida mudança no papel da mulher na sociedade, pois a protagonista Aurélia Camargo “compra” um marido e tem comportamentos evoluídos, os quais a diferenciam das mulheres da época, ainda que o romance tenha sido escrito sob o olhar masculino. Outro vídeo pode ser escolhido pelo docente para este momento, de preferência que revelem uma certa mudança no papel do feminino na sociedade. O professor deve selecionar vídeos curtos, pois esta etapa é destinada a despertar o interesse dos alunos para a leitura do texto, de modo que a etapa consista em um estímulo concreto para o acesso à obra.

INTRODUÇÃO

Temos aqui o momento em que o autor e o livro são apresentados aos leitores. O professor, ao apresentar a obra e o autor, precisa considerar que algum dos futuros leitores já tenham conhecimento de algo a respeito e utilizar essas informações para aproximar as

realidades e envolver ainda mais os leitores. Entre as sugestões de Cosson (2009) para a introdução, destaca-se aqui a temática.

Trata-se, pois, de uma estratégia que usa a motivação como eixo, ou seja, a atividade desenvolvida para envolver o leitor e o livro (no caso desta sequência, a abordagem temática é da evolução do papel da mulher na sociedade e a representatividade feminina nos textos literários), será utilizada para reflexão a respeito do tema abordado no estágio da motivação, com a maior brevidade possível para que não se desvirtue o propósito de levar à interpretação, e não oferecer aos discentes uma interpretação pronta.

Para essa abordagem, focando no tema “A evolução do papel da mulher na sociedade e a representatividade feminina em *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë”, recorreremos ao que aborda Costa (2015) em sua dissertação quando trata dos estudos sobre diferenças entre os gêneros sexuais e como limitaram a mulher a determinados espaços, cerceando suas atividades e criando imagens que confirmariam tais papéis sociais, segundo os quais o feminino seria superado pelo gênero masculino, que o desvalorizava:

A Era Vitoriana, um dos mais complexos períodos da história e da literatura da Inglaterra, foi o período em que, sob o reinado da rainha Vitória, aquele país se tornaria um império cujos domínios se estenderiam por todo o globo.... Contudo, boa parte da ideologia moralizante e repressora da sociedade vitoriana, cuja origem remete ao puritanismo, permanecia como base ideológica fundamental para a perpetuação da ideologia do feminino na sociedade vitoriana, que tiravam da Bíblia papéis a serem desempenhados por homens e mulheres. Além disso, devemos nos lembrar de que, até 1870, devido às leis comuns, a mulher perde a sua individualidade com o casamento. O marido torna-se proprietário dos bens e dos rendimentos da esposa, sem ter que prestar contas (COSTA, 2015, p. 38).

Costa (2015) nos lembra de estudos passados que confirmavam a inferioridade feminina e atestavam a má qualidade dos esforços das mulheres, que seriam incompatíveis para outras funções que não fossem o cuidado da família, ou seja, confinadas ao lar. Na esfera privada da casa, o feminino gozava de uma relativa autonomia, gerenciando uma parte apreciável da vida em particular, mas excluindo a mulher da esfera pública:

O vestuário da mulher honrada também era algo policiado pela sociedade: deviam fazer uso do véu ou capuz, deixando ver apenas o rosto; enquanto a cortesã mostra a sua ‘mercadoria’. Há registros de que o mundo antigo quando o pai ou o marido era condenado por algum crime, algumas mulheres matavam-se – relatos nos contam que alguns maridos as dissuadiam para que as mesmas se suicidassem (COSTA, 2015, p. 31).

Somente a partir dos séculos XVIII e XIX que a vida das mulheres sai de uma história pessoal e é submetida a uma codificação coletiva e socialmente elaborada. É nesse período histórico que a perspectiva de vida das mulheres se altera e, em um tempo de rápidas mudanças e grandes conquistas, a arte literária mostrou sua importância.

A autora reitera que a história do modo como as mulheres tomam a palavra para si está entrelaçada com a literatura. Até então, as moças eram criadas com a cultura de um domínio doméstico, no qual dominariam conhecimentos exclusivos para a administração desse espaço: receberiam princípios de matemática para gerenciamento do lar, bordado e costura para atividades manuais mais práticas, desenvolveriam suas habilidades artísticas para o entretenimento familiar, por exemplo.

Além da consulta ao texto de Costa (2015), o professor poderá permitir que os alunos acessem o celular para pesquisar as edições ao longo do tempo de *Jane Eyre*, ou até mesmo orientar os alunos a compartilharem entre si a leitura do prefácio do livro e os comentários que nele constam.

Como outra alternativa de introdução à leitura de *Jane Eyre*, sugerimos que o professor disponibilize o acesso ao canal *Ler Antes de Morrer*, na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, sob o link <https://www.youtube.com/watch?v=RPYriCccibfY>, para um vídeo intitulado “Jane Eyre, de Charlotte Brontë (#229)”, no qual é feita uma análise detalhada sobre informações biográficas da autora, a família Brontë e a obra, bem como a crítica literária, sem antecipar muito o enredo do livro; ao contrário, essa atividade pretende despertar a curiosidade pela narrativa.

Tais informações contribuem não apenas com um conhecimento enciclopédico acerca de Brontë, mas introduz pontos de compreensão para sua produção que podem integrar esta etapa.

LEITURA

A etapa da leitura é muito delicada, pois, preferencialmente, a leitura será feita extraclasse, e é sabido que existem outras atividades curriculares e extracurriculares que exigem a dedicação e o tempo dos alunos leitores, cada um com sua limitação e suas dificuldades pessoais, o que torna esse encontro de datas mais complicado, sem contar que não se pode definir prazos para leitura curtos demais ou longos por demais, tampouco deixar prazos de leitura em aberto. É fundamental estabelecer o prazo final.

A leitura inicial, a dos primeiros capítulos, costuma ser mais lenta, mais demorada, porém, após os alunos conhecerem o enredo e as personagens, ela fluirá com mais celeridade, e, às vezes, o descompasso da turma leva a uma aceleração no ritmo da leitura.

Cosson (2009) ressalta que cabe ao professor estabelecer um sistema de verificações que seja feito por meio dos intervalos de leitura, também momentos de enriquecimento da leitura do texto principal, e que a participação dos alunos e as relações que eles conseguem fazer entre os textos demonstram a efetividade da leitura realizada extraclasse. Ainda nessa etapa, Cosson afirma que busca de forma intencional trazer a leitura de textos diversificados para os intervalos, a fim de mostrar ao professor que não há limites ou imposições rígidas na seleção de textos, e que é preciso compreender que o literário dialoga com os outros textos e é esse diálogo que tece a nossa cultura.

Segue, abaixo, uma série de sugestões a serem desenvolvidas em intervalos específicos durante a leitura do romance:

Durante o primeiro intervalo (entre a leitura do capítulo 1 ao 4: infância de Jane e sua ida ao orfanato), com duração de 50 minutos, o docente pode solicitar pesquisa em grupo de alunos sobre a Era Vitoriana (momento histórico, características, classes e diferenças sociais, vestimenta feminina e masculina). Tendo como culminância a peça teatral, tais informações não apenas enriquecem o trabalho em termos de caracterização, mas colaboram com o aspecto imersivo do processo de letramento.

Antes do próximo intervalo, é interessante pontuar sobre a leitura dos capítulos 5 ao 10, nos quais observamos a vida no orfanato e a evolução de Jane, que percebe que o estudo é o único caminho para sua sobrevivência e, não obstante, a sua independência. Nela a emoção é latente, mas desenvolveu o controle emocional e a racionalidade predominante.

Durante o segundo intervalo, o professor pode retomar o tema ligado à independência e à representação da mulher, por meio da análise de músicas como *Pagu*, de Rita Lee, ou *Desconstruindo Amélia*, de Pitty. O passo seguinte é retomar a leitura dos capítulos 11 ao 16, que tratam da chegada de Jane em Thornfield e o interesse de Jane no Sr. Rochester:

São características também encontradas em *Jane Eyre*, sua primeira obra publicada: após colocar anúncio no jornal, Jane encontra trabalho e abrigo em Thornfield Manor; seu encontro com Rochester se dá de modo dramático, com o mesmo vindo em sua direção a cavalo; após fugir deste, devido a situação com Bertha Mason, a mesma passa a noite ao relento, tendo apenas a natureza como proteção; como não recebe apoio de qualquer pessoa em Whitcross, a mesma se apresenta moribunda aos habitantes de Moor House; e, quando criança, a pequena Jane sente como se o fantasma de seu tio lhe chamasse no quarto vermelho (COSTA, 2015, p. 153).

No intervalo seguinte (que, como todas as etapas desta sequência, dura 50 minutos), o professor pode solicitar imagens de moradias isoladas na Inglaterra e do estilo gótico, informação que agrega valor histórico-cultural à narrativa.

Desse modo, recorrendo até mesmo a argumentos interdisciplinares entre literatura e história ou geografia, por exemplo, temos uma abordagem temática tanto enriquecedora quanto imersiva, reforçada ainda pela intenção de atingir com qualidade o objetivo determinado: a realização de uma adaptação teatral do texto de Brontë.

PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO

Este estágio, o quarto da sequência expandida, é o momento da individualização do leitor com a obra: após os estágios orientados e monitorados pelo professor, este é o momento em que o leitor se permite inferir a respeito do texto, da obra. O professor pode até conduzir a uma direção à primeira interpretação, mas a liberdade do leitor é muito importante. Por isso, Cosson (2009) afirma que, independente da maneira como for conduzida a primeira interpretação, é importante que seja feita a partir da sala de aula, pois é necessário encerrar ciclos que a primeira interpretação traz consigo. O autor afirma ainda que a disponibilização de uma aula para a primeira interpretação é extremamente relevante para o letramento, pois sinaliza ao aluno leitor a importância da sua leitura individual durante o processo.

Nesta etapa, sugerimos o aprofundamento da leitura por meio da dissertação *A representação feminina em Orgulho e Preconceito, de Jane Austen e Jane Eyre, de Charlotte Brontë*. No intuito de indicar um caminho de leitura e de contextualização, sugerimos ao professor a escolha de abordagem considerando a perspectiva de elaboração e/ou incentivo a um projeto de teatro na escola, portanto, todas as etapas devem direcionar a essa realização.

O professor deve, portanto, realizar atividades que levem os discentes a contextualizações *a posteriori*. Cosson (2009, p. 86) considera a contextualização como o “movimento de ler a obra dentro do seu contexto”, descobrindo o que a obra carrega em si mesma e o que a torna clara na interpretação do leitor, e propõe ainda que a contextualização compreenda o aprofundamento da leitura por meio dos contextos, que, segundo ele, podem ser inúmeros. Aqui, destacamos uma dessas possibilidades de contextualização, a teórica, para atender ao objetivo proposto: “indicar ao professor um caminho para ler de maneira explícita a obra em seu contexto” (COSSON, 2009, p. 86).

Segundo Cosson (2009), este modelo de contextualização tem por objetivo abordar as ideias que “sustentam ou estão encenadas na obra”. Trata-se, portanto, de “verificar como em

certas obras determinados conceitos são fundamentais”, como é o caso do exemplo trazido pelo autor, *O Cortiço*, que explorou as relações entre ciência e determinismo biológico.

Sugerimos ao professor a abordagem do feminismo, fundamental às obras de Brontë, a partir do pensamento filosófico de Simone de Beauvoir, presente na dissertação de Fabiane Costa (2015, p. 19-29), em diálogo com o Existencialismo de Jean-Paul Sartre, quando Beauvoir nos diz que é a partir do outro que nos definimos, que identificamos nossas características e individualidade, e que, portanto, o ser mulher só é assim definido a partir do outro, do homem, e não apenas pelo fator biológico – a fêmea detém os óvulos e o macho, o esperma –, mas isso também é estabelecido socialmente: a mulher detém seu papel social em detrimento ao do homem, e a ele cabe toda a ação, enquanto a ela resta o confinamento ao núcleo domiciliar. Devido a esta posição inferior dentro da sociedade patriarcal, a voz da mulher era por vezes silenciada.

Costa (2015) descreve que, restrita ao âmbito doméstico, a experiência feminina, segundo o cânone literário da época, não merecia ser narrada ou mesmo quantificada, de modo que, por muito tempo, falar sobre a vida das mulheres seria trabalho árduo, pois os dados eram escassos e por vezes havia ausência de informações. Logo, a autora traz a justificativa de que, por isso, estudiosos afirmam que a história das mulheres é a história de como elas tomam a palavra, pois, como Paulain de La Barre já disse, "tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte".

A partir daí, Costa (2015) traça um estudo acerca da história desse perfil de mulher, buscando identificar o que as tornava tão diferentes do outro sexo e como eram representadas na literatura. Para isso, ela recorre a Simone de Beauvoir para entender como se dá a constituição da subjetividade feminina em uma sociedade que a inscrevia a um plano secundário de existência:

Tomando as palavras de Simone de Beauvoir, notamos que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher [...] nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade" (2009, p. 361). Deste modo, fica claro que é o conjunto da civilização que qualifica o feminino. Assim, desde o mundo antigo, aspectos fisiológicos e práticas sociais, ligadas indissociavelmente, atuam num movimento dialético e moldam a vida cotidiana das mulheres: a puberdade, a sexualidade, a procriação, o casamento, o celibato, a viuvez, os bens possuídos, os gestos rituais, as funções sacerdotais - são todos aspectos e etapas que terminam por delimitar a vida da mulher na sociedade. A intervenção na vida da mulher se inicia na infância, de modo que sua "vocação" lhe é imposta desde seus primeiros anos. Contudo, Beauvoir (2009) nos chama a atenção para o fato de que, durante os tr es ou quatro primeiros anos, não há diferenç a de atitude entre as meninas e os meninos. Portanto, o drama do nascimento e o do desmame desenvolvem-se da mesma maneira para as crianç as de ambos os sexos. Se durante a infância a menina foi reprimida, isso ocorre devido   ausência do p nis. Se o menino possui um órgão que pode ser visto e tocado, tornando-se até mesmo o seu *a/ter ego*, a menina não pode encarnar-se em

nenhuma parte de si mesma. Contudo, colocam em suas mãos um objeto que desempenha seu *a/ter ego*- uma boneca. Essa contribuirá para que a menina se prepare para seu "papel social", desenvolvendo sua passividade diante das circunstâncias daquele. É um destino que lhe é imposto desde cedo tanto pela sociedade como pelos educadores. Antes de mais nada, a menina é um corpo - um meio potencial de troca entre famílias. Leduc (1990), fazendo um estudo acerca do casamento no mundo grego, destaca que a jovem, ao se tornar noiva, torna-se uma dádiva graciosa. Ela é assim denominada por ser entregue acompanhada de bens materiais - também dádivas. Assim, a noiva deve ser dada com bens, cujo número de possibilidades de combinações é grande. Isto ainda estava relacionado com a classe social dos noivos (COSTA, 2005, p. 29).

A perspectiva adotada por Costa (2015) a partir de Beauvoir analisa a extrema dificuldade da representatividade feminina suscitada ainda em tempos remotos, à época de teóricos clássicos que tinham a preocupação com a dicotomia dos gêneros sexuais e com a segregação do papel da mulher na sociedade, restringindo-lhe ao interior do lar. Após o surgimento do movimento feminista, as discussões se acaloraram com a busca por direitos e deveres das mulheres. A partir daí, a autora enfatiza novamente a contribuição de Simone de Beauvoir:

A representação feminina tem suscitado diferentes estudos e pesquisas. Em tempos remotos da humanidade, teóricos clássicos como Sócrates e Aristóteles se preocupavam com a diferença entre os gêneros sexuais. Mais tarde, buscou-se delimitar qual o lugar da mulher na sociedade. Com o surgimento do feminismo, tais discussões se entrelaçaram com uma busca por direitos e deveres para com aquelas. Em nossa trajetória de pesquisa nos deparamos com o material de Simone de Beauvoir, cujos conceitos de gênero que dizem respeito sobre o ser mulher, seu corpo, sua condição e o que a diferencia do outro sexo sob uma abordagem filosófica (COSTA, 2015, p. 181).

Para uma abordagem mais enriquecedora aos discentes, o professor pode buscar um diálogo com os demais saberes, tentando uma abordagem interdisciplinar por meio do auxílio de professores de Biologia e de Filosofia, por exemplo. O professor deve indicar também uma atividade que leve a essa contextualização. Pensando no teatro na escola, o professor pode realizar rodas para que os estudantes identifiquem “cenas” do livro em que o tema ganhe destaque, inclusive localizando falas que possam integrar o roteiro da peça.

SEGUNDA INTERPRETAÇÃO

Esta interpretação, ao contrário da primeira – que buscava uma visão global da obra – , tem por objetivo a leitura pormenorizada de um de seus aspectos. Segundo Cosson (2009), esse enfoque pode centrar-se “sobre uma personagem, um tema, um traço estilístico, uma

correspondência com questões contemporâneas, questões históricas, outra leitura, e assim por diante, conforme a contextualização realizada” (COSSON, 2009, p. 92).

No entanto, o autor (2009, p. 92) aduz que “a ligação entre contextualização e a segunda interpretação é indissociável e pode ser direta ou indireta”, em que “a indireta é aquela em que o aluno realiza a contextualização separadamente, enquanto que a direta consiste na integração entre as duas etapas”. Como possibilidade de ligação direta, Cosson considera a realização de um projeto: “Nesse caso, contextualização e segunda interpretação são dadas juntas e efetivadas dentro de um todo maior que é o projeto” (COSSON, 2009, p. 92).

Compartilhando minha proveitosa experiência com o teatro e seguindo a sugestão de Cosson (2009), sugerimos que o professor introduza e/ou incentive a execução de um projeto de teatro na escola. Ao longo desta sequência expandida, propus as etapas relativas à efetivação desse projeto.

A segunda interpretação pode destinar-se à produção do texto dramático, ensaios e apresentação em sala, no pátio ou auditório da escola da peça teatral elaborada pelos discentes, adaptação do romance para o teatro, do livro *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Sugerimos, ainda, três aulas de ensaio, cada uma com a duração de 50 minutos, para apresentação, que terá a mesma duração.

EXPANSÃO

Cosson esclarece que, após a segunda interpretação, o trabalho de leitura centrado na obra em si é encerrado, e denomina como expansão “o movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário” (2009, p. 92). Ele destaca ainda que “a expansão não tem fronteiras quanto ao tipo de obra, embora se pressuponha que os textos que transitam de alguma forma pelo campo da literatura tenham preferência na seleção, pois trata-se de letramento literário” (COSSON, 2009, p. 94).

Desse modo, o autor destaca “as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam ou que lhe são contemporâneos ou posteriores” (COSSON, 2009, p.94), e considera o trabalho de expansão essencialmente comparativo. Sugerimos então a leitura da dissertação de Fabianne Costa, adotada nesta sequência expandida, na qual fora utilizada a Literatura Comparada para análise de *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, e *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, especificamente a partir do capítulo referente a esse estudo comparativo (COSTA, 2015, p.75 - 134):

É interessante observarmos como as obras de Jane Austen e Charlotte Brontë contêm representações da situação social na qual estavam inseridas. Através das experiências de suas protagonistas, encontramos situações que servem de apelo e denúncia aos problemas sociais enfrentados pelas mulheres de seu tempo. Mesmo com estilos diferentes, as autoras apresentam um retrato da mulher no contexto social dos períodos Georgiano e Vitoriano. Mas, então, nos questionamos quais as semelhanças e/ou diferenças que as autoras apresentam em suas obras no que diz respeito à representação feminina. Para tanto, tomaremos como ferramenta os pressupostos da literatura comparada... Responsável por interpretar as relações entre diferentes expressões artísticas de diferentes nações, ou entre a linguagem empregada na expressão das obras, a Literatura Comparada pode ser utilizada para confrontar duas ou mais literaturas, visando estabelecer influência entre autores e estudando a relação entre literatura, vida cultural, e seu público. Nesse sentido, a Literatura Comparada servirá de base para comparar as obras literárias de Jane Austen e Charlotte Brontë que retratam a mesma sociedade, mas em momentos distintos da história inglesa; relacionando a influência desse contexto histórico na execução e recepção das obras (COSTA, 2015, P. 75).

Embora a abordagem comparativa seja usada na sequência expandida em outras etapas, é aqui que funciona como uma ponte para outras leituras, outras possibilidades inclusive de se desenvolver outras sequências.

No caso de uma sequência expandida para *Jane Eyre*, é nesta etapa que obras como *Orgulho e preconceito*, e por extensão, sua autora, deixam de ser apenas uma referência comparativa para se tornar um objeto de estudo em seu próprio direito. Nesse romance, a autora narra os contratempos amorosos de cinco moças de uma família de burgueses que viviam no interior da Inglaterra no século XIX.

O enredo se desenrola por um período de um ano, de outubro de 1811 a outubro de 1812, em um vilarejo fictício chamado Meryton, no condado de Hertfordshire, perto de Londres. Nesse pequeno vilarejo, onde mora a protagonista, Elizabeth Bennet, com suas irmãs Jane, Mary, Kitty e Lydia, nada parece acontecer, até que um jovem solteiro e rico, Charles Bingley, decide passar uns dias no campo na companhia das irmãs Caroline Bingley e Sra. Hurst, além de seu melhor amigo, Fitzwilliam Darcy.

Segundo Costa (2015), falar sobre Jane Austen e obras como *Orgulho e preconceito* é uma atividade que não despende muito trabalho: suas obras são universalmente publicadas, adaptadas para diferentes mídias, e servem de base para tantos estudos acadêmicos (inclusive, este) que não temos dúvidas sobre seu profundo impacto sobre o desenvolvimento do romance inglês e que, se tentarmos classificá-la em determinada escola literária, tenderemos ao erro.

Na etapa da expansão, compreendemos plenamente a riqueza que resulta da efetiva comparação entre duas obras:

Consideradas por teóricos e o público cativo como obras à frente de seu tempo, *Orgulho e Preconceito* e *Jane Eyre* trazem o retrato da mulher no contexto social inglês da virada do século XVIII e XIX. Lançadas com um intervalo de 34 anos, a primeira foi publicada em 1813 e a segunda em 1847, observamos como as mesmas trazem um apelo de denúncia às situações impostas às mulheres - mesmo que em tons diferentes. As circunstâncias nas quais as obras foram escritas e/ou publicadas também são relevantes para compreendermos a importância das obras. Quando Jane Austen escreveu o primeiro rascunho de *Orgulho e preconceito* tinha pouco mais de 20 anos, a mesma idade de Elizabeth Bennet. Com título original de *Primeiras Impressões*, a obra foi escrita entre outubro de 1796 a agosto de 1797. Contudo, demorou cerca de 20 anos para que a autora visse sua obra publicada; o que aconteceu em 1813, quando a autora já tinha 37 anos. Todos os membros da família Austen gostaram da obra, de modo que foi o livro mais popular de Jane Austen dentro de sua família. O próprio Reverendo George Austen, o pai da autora, gostou tanto que pensou que valia a pena publicá-lo (COSTA, 2005, p. 80 – 81).

Durante a sequência didática, além de *Orgulho e preconceito*, o professor pode ainda analisar o conto “O Papel de Parede Amarelo”, de Charlotte Perkins Gilman, com atividades que suscitem a leitura crítica e, por conseguinte, o debate entre os alunos: até que ponto o enclausuramento desencadeia a loucura? Tal discussão existe que se estabeleça uma conexão entre o aprisionamento e a loucura/histeria da personagem Bertha Mason, de *Jane Eyre*. O professor pode aprofundar seus estudos com a leitura da dissertação de Costa (2015, p. 93), na qual temos uma análise detalhada dessa personagem:

Em *Jane Eyre*, temos a Bertha Mason como personagem que seria a personificação da figura da louca. Ela é mantida presa no sótão de Thornfield Manor por seu marido Edward Rochester. E sua suposta demência é justificada pelo mesmo tendo como base um suposto histórico de loucura familiar. Assim, Bertha Mason é a representação de uma significativa figura feminina ideológica da sociedade vitoriana. Essa caracterização da mulher insana e encarcerada era uma figura que equivaleria ao *monstro do lar*. É interessante como, neste momento, ela se apresenta como o oposto de Jane Eyre, que acreditamos não representar o anjo do lar. Embora não saibamos muito sobre a primeira esposa de Rochester, Bertha é descrita como uma pessoa muito apaixonada e sexual. Ela é comparada com uma besta e as descrições dela são muito físicas. Assim, Bertha simboliza o rebelde e selvagem, em contraste com Jane, que mantém uma aparência desejável, com seu cabelo liso e simples. Suas roupas são trapos e pode-se imaginar que eles não cobrem tanto de seu corpo como, por exemplo, as roupas de Jane. É no mínimo interessante como, em *Jane Eyre*, ninguém questiona a ideia de Bertha ser louca. A própria Jane a chama de 'maníaca', 'hiena vestida' (COSTA, 2015, p. 93).

Em seu artigo de 1919, *O Estranho*, Freud estuda muitos fenômenos que são considerados estranhos, como superstições, medo de mau olhado, magia, bruxaria, dentre outros, e essa ideia do estranho pode ser algo assustador, mas que remete ao conhecido e familiar. Assim, Bertha Mason é considerada uma louca, uma selvagem por Jane Eyre; mas, poderia ser o reflexo que a personagem teria de si mesma em seu interior. O medo que ela tem da primeira esposa de Rochester pode ser a estranheza de algo que é secretamente familiar; que deve ser submetido à repressão.

Por fim, Cosson enfatiza que a expansão também pode ser utilizada para iniciar uma nova sequência expandida ou básica, como uma motivação. Na elaboração de uma nova sequência expandida, o docente poderá estabelecer uma relação intertextual entre *Jane Eyre* e demais obras que evidenciem uma certa emancipação feminina ante a sociedade, ainda que de forma tímida, mas que seja um prenúncio dessa nova representação da mulher na literatura e nas artes, como *Senhora*, de José de Alencar, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Além do trabalho com romance e contos do século XIX, o docente pode, seguindo a perspectiva comparativa com o romantismo, proporcionar leituras literárias de autoria feminina. Será, portanto, possível pensar sobre os resíduos de outras épocas e de outros espaços na literatura e na cultura presentes em textos literários, por exemplo de autoras brasileiras nos séculos XIX e XX.

AValiação

Apesar de não ser uma etapa da sequência expandida, Cosson destina um capítulo de seu *Letramento literário: teoria e prática* para destacar sua importância. Em síntese, o autor considera que “a autoavaliação é um mecanismo legítimo de registro e controle do ensino e da aprendizagem, desde que concebida como uma reflexão que o aluno faz sua aprendizagem” (2009, p. 112), entretanto, o resultado do desempenho desses alunos dependerá das ferramentas utilizadas pelos professores e, mais ainda, da condução e do acompanhamento do docente em todo o processo. O autor nos lembra que o objetivo maior do letramento literário na escola é a formação de uma comunidade de leitores, e que a leitura literária vai se aprimorando ao passo que ampliamos nosso acervo de leituras e a avaliação deve acompanhar esse processo evolutivo.

Sugerimos que a avaliação seja contínua, cabendo ao docente observar a participação dos alunos em cada atividade. Contudo, o principal instrumento de avaliação será a peça teatral de *Jane Eyre*, no caso do projeto de teatro na escola. Enquanto registro final, o docente poderá contar com o texto escrito da peça e a apresentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consolidar a leitura literária na escola é um grande desafio a ser transposto por nós, professores de literatura do ensino básico. Despertar o interesse do discente pela leitura é relativamente fácil, mas rapidamente sobrevém o desinteresse quando se trata da leitura de romances clássicos, especificamente por serem textos longos que, em princípio, na concepção desse aluno, em nada tem a ver com a atualidade ou com o seu cotidiano. De fato, precisamos

ter a percepção de que a não utilização de um método na *práxis* escolar dificulta em demasia essa percepção por parte do aluno.

Recorrendo ao letramento literário de Rildo Cosson (2009), pude perceber a relevância na elaboração de sequências para o incentivo desses discentes à leitura e à contextualização de romances. Não apenas os ensinamentos de Cosson, mas dos teóricos apresentados nesta dissertação, fizeram-me ter a certeza da necessidade de repensar as práticas de ensino-aprendizagem.

Buscamos aqui orientar e trazer sugestões para cada etapa da sequência expandida do romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, para que o professor do Ensino Médio disponha de exemplos a serem trabalhados em sala de aula, bem como de recomendações para elaboração de suas próprias sequências. Outrossim, realizamos uma revisão de contextualizações desse romance, com base na dissertação de Fabianne Rodrigues Costa (2015), escolhida para a composição técnica deste trabalho, tendo como temática a representação feminina na literatura: o momento histórico (transição entre os séculos XVIII e XIX), a autoria feminina de Brontë na literatura inglesa que faz uma leitura social sob o olhar feminino, e a perspectiva presentificadora de *Jane Eyre*.

A escolha da dissertação de Fabianne Costa foi pautada na temática, pois reconhecemos nela a preocupação com o papel da mulher na literatura. A ideia de elaboração de sequências a partir de dissertações e de teses pertence ao projeto de pesquisa *Dissertações e Teses viram Letramento Literário*, do Estágio Pós-Doutoral de Cássia Maria Bezerra do Nascimento na UFPB, pelo PROCAD/CAPES (UFAM – UEA – UnB), orientadora desta dissertação. Tal projeto nos foi apresentado na disciplina de Tópicos Especiais do Programa de Pós-Graduação em Letras, na qual fora solicitado que elaborássemos uma sequência expandida e, ao longo das etapas, percebi a relevância das propostas de Cosson e a necessidade do uso do método para a construção de um ambiente de leitura literária.

Dessa forma, este texto buscou oportunizar uma proposta de letramento literário aos docentes que, assim como eu, buscam o enfrentamento dos desafios no ensino da literatura na escola, especificamente, no ensino básico, ao passo que, com a utilização da dissertação de Fabianne Costa, conseguimos também promover a interação entre a universidade e a escola. Além do que, o uso dessa dissertação ampliou nossas possibilidades de contextualizações da obra *Jane Eyre*, uma vez que as dissertações apresentam um aprofundamento na fortuna crítica, constituindo um relevante material de pesquisa e de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Adriana Lisboa. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. São Paulo: Global, 2009.

COSTA, Fabianne Rodrigues. **A representação feminina em Orgulho e Preconceito, de Jane Austen e Jane Eyre, de Charlotte Brontë**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

Recebido em: 24/10/2023

Aprovado em: 21/11/2023

Publicado em: 22/12/2023



10.29281/r.decifrar.2023.2a_4